

378-4(817.4)F005
25.102.009.45

CAMPUS

UnB — Departamento de Comunicação
Nº 18 — Julho de 1976

Esta edição foi batizada de "Campus-Relâmpago", pela equipe que a produziu. Um relâmpago demorado, que levou uma semana para sair, mas um tiro comparado com as edições anteriores do jornal.

Numa segunda-feira a equipe se reuniu para discussão da pauta. Decidiu-se que a idéia central seria Arte, desde Literatura até a tão questionada Publicidade, passando por Cinema, Música Popular e outros babados correlatos.

Durante a semana o pessoal partiu para as entrevistas e levantamento de dados, entregando as matérias na sexta-feira. Nesse dia, o material começou a ser diagramado e ilustrado.

À equipe buscou uma apresentação leve e dinâmica, criativa e simples. Em nome dessa intenção, as fotos, sempre que possível, deram lugar a desenhos e charges, menos trabalhosos e mais funcionais.

A experiência do "Campus-Relâmpago" quis testar duas coisas. Primeiro, a possibilidade de se editar o jornal "Campus" em pouco tempo, desde que uma equipe quisesse mesmo trabalhar; um jornal sem pretensões, não-rebuscado e falando das coisas do nosso cotidiano. Em segundo lugar, a equipe quis testar a reação do público universitário a um jornalzinho com tal conteúdo.

O "Campus-Relâmpago" foi editado em uma semana e depois seguiu para a gráfica. Daí pra frente, a equipe só pôde desejar: "tomara que saia antes do semestre terminar".



CINEMA BRASILEIRO

e mais:

- MÚSICA
- PUBLICIDADE
- LITERATURA
- ENSAIO FOTOGRÁFICO



Um Momento de Música

Leda Magalhães

Atualmente em Brasília temos verificado o aumento crescente de shows dados por músicos e compositores desta cidade. No repertório, geralmente encontramos um grande número de composições de autores brasileiros, que se interessam pela movimentação do nosso ambiente musical. É claro que tudo está se iniciando. Até 3 ou 4 anos atrás, não havia quase nada de significativo sendo mostrado pelo pessoal que fazia música aqui.

Agora está existindo uma maior divulgação do trabalho desse pessoal, a assistência a essas apresentações tem aumentado consideravelmente. Brasília, apesar de ser pequena, sempre enfrentou o grave problema da falta de comunicação entre as coisas que aconteciam e o público. Parece que essa fase está acabada, os músicos já conseguem ter contato com os que se interessam pela sua arte. Mas entre os diversos grupos musicais ainda não ocorre esse contato, encontram-se todas as pessoas trabalhando separadamente. Alguns acham que a causa é o fechamento das pessoas, outros sentem que é a falta de festivais, que não permite a todos os grupos um conhecimento entre si.

Mas, o importante é que apesar disso tudo, temos tido a oportunidade de assistir a várias apresentações de música por pessoas de Brasília. Semanas atrás tivemos o grupo de Oswaldo Montenegro, na Sala Martins Pena, com músicas dele e de outros compositores. Este rapaz tem desenvolvido um ótimo trabalho com a colaboração de jovens instrumentistas.

Com o título de uma de suas composições, "Carcaça", apresentada, inclusive, no Festival Abertura, Raimundo Costa está mostrando a sua produção, junto com Chico Maranhão, outro compositor local.

Provavelmente, nos dias 18, 19 e 20 de junho, teremos o conjunto do "Clube do Choro", no teatro Galpão, com a presença de excelentes instrumentistas radicados aqui, tais como: Odette Ernest Dias, Bide, Waldyr Azevedo e Avena de Castro. E dando continuidade a essas atividades musicais, teremos proximamente o grupo "Tá na hora", com os compositores Clodo e Climério.

ESCUTANDO O SOM DAS LETRAS DE CHICO PONTES

Francisco Augusto Pontes veio do Ceará. Lá ele já fazia música; che-

gou aqui em 1971, onde continuou seu trabalho com Rodger, Teti, Ieda e Fausto Nilo, seus conterrâneos. A turma se reunia sem a preocupação de fazer shows pela cidade, ficava tudo reduzido ao ambiente do grupo. Aqueles tempos foram parados para todos nós. Quem pensava em fazer algo acabava se calando diante do vazio que preenchia o ar. Em fins de 1972, e durante 1973, formou-se uma Comissão de Música Popular Brasileira na UnB, com o professor Orlando Vieira Leite, chefe do Departamento de Música, Lurdinha, professora do Departamento de Comunicação, o estudante Antonio Carlos Cariello e Chico Pontes, que se reuniam todas as terças-feiras à noite, ativando um trabalho interessante, tendo como fruto a realização de audiências musicais nas manhãs de sábado, com Climério, Clodo, Zequinha, Ednardo, Ivon, Tetê Catalão, os irmãos Chico e Renam Maranhão, e os conjuntos "Margem", "Placas" e "Os Matusquelas".

Chico fala que o trabalho do pessoal atualmente é todo na base da curriola, e assim ele não sabe trabalhar. E por isso que não está fazendo nada na área da música, preferindo fazer teatro. Gostaria que os grupos

fossem abertos a todas as pessoas. Não pretende ser um profissional da música popular, tem vontade de fazer outro tipo de trabalho como membro integrante de uma coisa que exista, não quer ser um fazedor de sucessos. Já no teatro, acha que incluirá muitas outras coisas, e gosta muito do tipo de relacionamento que existe quando essas coisas acontecem com um monte de gente, uma reflexão, uma convivência, um condicionamento do mundo em comum. Não tem interesse em fazer coisas particulares porque fica perdida toda a dimensão da convivência. A música que parte de comunidades autênticas e espontâneas tem um sentido muito grande e passa a ser uma forma de expressão verdadeira. Quando um cara se destaca por sua produção individual, suas obras serão destinadas a um público ávido de músicas desse tipo. Então, essas músicas passam a ocupar o lugar da arte mais rica, que é desenvolvida por comunidades. Afirma que é contra esse ato criador solitário, que reclama uma coisa individual, a reclamação de uma pessoa só, fazendo canções tristes solitárias, que não representam as formas de vida da comunidade.

Acaba tachando o trabalho dessas pessoas que estão vivendo numa só dimensão de: "Pequenas orações para mim mesmo", "queixumes particulares", e "a única, enorme e ininterrupta canção popular". Para ele, quando um compositor faz uma música, está apenas acrescentando 15 a 20 versos nessa mesma canção universal, pois todas são uma só canção; como não estão falando de nada, estão todos falando da mesma coisa. Inclusive esses compositores particulares passam muitas vezes a assumir um compromisso, reclamando uma ideologia que só é imposta em suas canções. Então, surgem as canções manifesto, que propagam uma série de ditames que não são seguidos nem de longe pelos autores.

Diz que a melhor coisa que esses rapazes habilidosos poderiam fazer, era partirem para uma tomada de consciência, enxergando a necessidade de entregarem o poder da música popular ao povo, e desistirem de fazêlas.

Finalmente, Chico Pontes acrescenta: "Os compositores deveriam trabalhar menos, para deixar que as canções populares sejam cantadas pelo povo; o povo tem que comprar as canções que lhe pertenciam; está acontecendo com as canções o que ocorre com a terra, nós temos que comprar o ar artificial, então, que bons ventos os levem".



CAMPUS

EDIÇÃO ESPECIAL

JORNAL LABORATÓRIO DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA — JULHO DE 1976

COORDENAÇÃO:

Manoel Vilela
Newton Andrade

EQUIPE:

Airton
João Borges
Machado
Dadá
Rosário
Leda

Mario Eugênio
Nelson Freire
Ivan Sérgio
Durvalino
Joel Gomes
Lídia Matos
Gustavo Mariani
Zé Claro



EMBRAFILME + INC = ?

João Borges

O cinema brasileiro vive hoje a expectativa de melhores dias, desde que, há dois meses, a EMBRAFILME se fundiu ao INC e se propôs a realizar uma política eficiente para, se não solucionar, pelo menos dinamizar a indústria cinematográfica em nosso País.

Desde que foram realizadas as primeiras produções cinematográficas no Brasil, no início do século, nosso cinema não conseguiu firmar-se no mercado interno e tem sobrevivido graças ao heroísmo de alguns que, persistentemente, lutam contra a maré.

Num País onde a colonização coincidiu com seu próprio nascimento, e se instaurou através dos séculos, permanecendo até nossos dias; onde a economia nunca saiu de estado de dependência; e onde a cultura tem se caracterizado pela constante mesclagem com valores aleatórios; num País nessas condições, a arte não poderia escapar a esses fatores, principalmente o cinema que surgiu a partir do desenvolvimento industrial — um marco na civilização que acentuou a relação de dependência entre os povos, um processo até hoje irreversível. Estando diretamente vinculado ao processo de produção industrial, o cinema nos países subdesenvolvidos, ao tentar se projetar no contexto da cultura, está exposto frontalmente a limitações não só quanto à produção, mas também na forma de expressar sua problemática, como assumir sua condição de subdesenvolvido.

As distribuidoras na maioria são americanas, defendem o interesse do cinema estrangeiro em detrimento da produção nacional. As casas exibidoras recebem a pressão direta dessas distribuidoras e assumem a cumplicidade na perpetuação da dominação estrangeira. Dentro desse esquema as casas exibidoras são montadas para exibir o filme estrangeiro, com legenda. Quando exibem um filme nacional para cumprirem a lei de obrigatoriedade, geralmente o som se apresenta de segunda categoria, não porque realmente o seja, mas devido à ocorrência de defeitos nos projetores que comprometem sua fidelidade. No caso das películas estrangeiras, esses defeitos não são notados porque as legendas asseguram a inteligibilidade do filme. Desta maneira a dominação cria um círculo vicioso de difícil solução: a pobreza do nosso cinema aguçada pela invasão do cinema estrangeiro, e este avança se aproveitando da fragilidade da nossa indústria cinematográfica.

Já no início do século o incipiente mercado de cinema brasileiro foi invadido pelo produto estrangeiro, principalmente americano, dificultando o florescimento da indústria brasileira. Durante esses setenta anos o cinema brasileiro apresentou pequenos surtos de produção, como a chanchada dos anos 50, mas nunca conseguiu firmar-se dentro do mercado brasileiro, ao ponto de sustentar um desenvolvimento contínuo. Como esses pequenos sur-



tos são interruptos, descontínuos, o cinema não chegou a um amadurecimento que o permitisse, se não sair do subdesenvolvimento, pelo menos superar sua mentalidade colonizada. E assim estaria livre para se mostrar e mostrar a cultura brasileira na sua condição subdesenvolvida dentro de uma perspectiva menos subjugada e mais reflexiva.

Hoje a dominação do mercado já se instalou de tal maneira que o gosto do público de cinema no Brasil é formado segundo a conveniência da produção estrangeira. O público pode escolher o local para assistir, mas não o que assistir. O espectador brasileiro interpreta o filme nacional tendo como ponto de referência o cinema estrangeiro. É comum, quando um filme nacional tem boa receptividade, o comentário de que "é tão bom que nem parece ser brasileiro".

Dentro desta estrutura, sob esta mentalidade, a produção de cinema tem passado os seus momentos de agonia e recorrido aos mais diversos favores. Uma dessas últimas arrancadas foi a reserva de mercado que antes era de 84 dias e passou para 112 dias (um decreto que reflete a mentalidade colonizada, pois, se consegue concessão para exibir os filmes nacionais e não aos estrangeiros) e a fusão do INC com a EMBRAFILME. Esta última visa a incrementar a indústria de cinema, atuando na produção, distribuição e, possivelmente, na exibição.

Dinamizando estas três áreas a EMBRAFILME poderá marcar nova fase para o cinema nacional. Mas é preciso sobretudo levar em consideração o fato de que um cinema não se faz apenas com subvenção. Enquanto não levar para a tela a problemática em que vive, o cinema não poderá ultrapassar a fase colonizada.

Subvencionando a indústria cinematográfica, a EMBRAFILME está apenas dando um impulso em uma atividade que sofre a concorrência massacrante da indústria estrangeira. O que levará o cinema nacional a superar este estágio será determinado pelo vigor da realidade que conseguir transmitir. O cinema brasileiro não é aquele que se faz dentro do Brasil, mas o que se expressa dentro de uma perspectiva brasileira. O que de novo representaria para a problemática brasileira, um cinema dinâmico enquanto coisa bem feita, bem acabada, espalhando a ilusão de que solucionando o cinema, enquanto cinema, estaremos dando um passo à frente? A situação do cinema brasileiro faz parte de toda a nossa realidade subdesenvolvida e colonizada, assumindo aspectos contraditórios inquietantes. Uma contradição peculiar caracterizada pelo processo truncado da realidade sócio-econômica refletida no contexto da cultura.

Podemos questionar a EMBRAFILME dentro desta perspectiva, como participante desse

mecanismo contraditório. A relação do cinema brasileiro com a produção externa se caracteriza pela dominação deste sobre o mercado interno. Deste ponto de vista, é indiscutível a necessidade de proteção à indústria brasileira como medida de reforço e segurança do setor. Mas, dentro da relação do cinema com o processo social interno é discutível a atuação da EMBRAFILME. No México, a experiência fracassou exatamente porque o Banco do Filme exercia mecanismo de controle da produção. É evidente que qualquer tipo de censura no campo da arte bloqueia a vitalidade de sua expressão.

Produzindo, distribuindo e exibindo, a EMBRAFILME pode contribuir com um bom saldo para o cinema nacional. E sua participação será tanto mais eficiente quanto maior for sua capacidade de atuar independentemente dos mecanismos de controle das manifestações artísticas em nosso país.

A produção independente, em alguns casos, pressiona o conteúdo dos filmes, mas, numa situação específica e passível de solução imediata. O que não é o caso da EMBRAFILME. Sua capacidade de controle pode ser muito eficiente na medida em que fizer uso das armas da burocracia. Nesse caso o cinema brasileiro pode evoluir como indústria, mas ficar estacionado quanto à sua expressividade cultural.

A difícil tarefa de se tornar um profissional

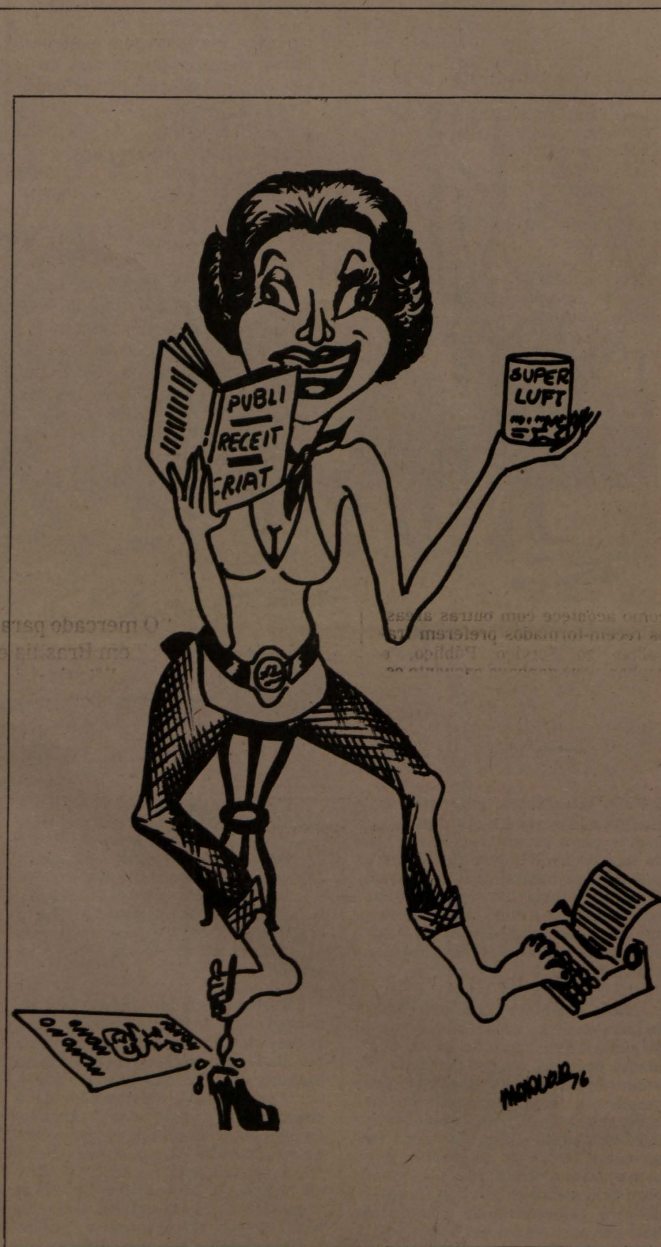
Lídia Matos

O Curso de Publicidade da UnB é, das opções oferecidas pelo Departamento de Comunicação, estranhamente a menos procurada: geralmente quem entra para a Comunicação pensa logo em Jornalismo, devido à própria estrutura de nosso Departamento. Com o tempo, acaba se integrando ao Curso de Jornalismo e se tornando jornalista. Os que optam pela Publicidade, ou qualquer outra área da Comunicação, geralmente o fazem como segunda opção, ou, muito raramente, como primeira, se já tinham como objetivo anterior e único serem publicitários.

Pela estrutura do Curso de Comunicação, além das matérias obrigatórias do básico geral e profissional, a UnB oferece pouquíssimas chances de escolha para os alunos de Propaganda: no básico, por exemplo, o que o aluno geralmente consegue tirar para a sua área é alguma coisa de Português I, aliás muito pouco, e noções de Sociologia, em Introdução à Sociologia, além dos conhecimentos teóricos da Introdução à Metodologia Científica.

Depois que ele passa propriamente para o Curso de Comunicação, consegue sugar, das matérias obrigatórias, alguma coisa de Cultura Brasileira e Cultura Geral, além de conhecimentos básicos de Teoria da Comunicação e Redação de Jornalismo, Edição Jornalística, Jornalismo Comparado, e Jornalismo... Jornalismo... Jornalismo... Fica, para o aluno interessado em Publicidade, a famigerada TPP — Técnicas de Publicidade e Propaganda, obrigatória (vejamos!!!) para todos os alunos de Comunicação. Nesta disciplina, os professores tentam dar para os alunos uma visão global da Propaganda, a custo de leituras, aulas teórico-expositivas e trabalhos monográficos. É uma matéria bastante cansativa, dado o grande número de trabalhos e leituras obrigatórias, mas que serve, para os parcialmente interessados em Propaganda, ou os realmente interessados, como um passo decisivo para dentro da área: fazer publicidade é realmente um passo de grande decisão, dentro de um Departamento quase que totalmente voltado para o Jornalismo.

Após a "Técnicas de Publicidade e Propaganda", o aluno faz duas disciplinas conjuntamente: Publicidade I e Publicidade III, que são basicamente compostas de aulas teórico-práticas sobre Criação e Planejamento. Nestas disciplinas, o aluno começa realmente a criar alguma coisa em termos de Publicidade — ele co-



Um curso sem muitas opções, Publicidade está se tornando uma habilitação quase que marginalizada, pois os que escolhem o curso o fazem como segunda opção. Atualmente, na UnB, no Departamento de Comunicação, Publicidade é o curso menos procurado.

nhece o assunto, pelo menos parcialmente e teoricamente, gosta de "vender" coisas e tenta através desse conhecimento e dessa vontade de criar, fazer filmes, planejar campanhas, pesquisar o mercado e tentar conhecer mídia.

A última fase da Publicidade é a chamada Publicidade II que, por uma ironia do destino e da burocracia, vem depois da Publicidade III. Esta é a matéria que o aluno de Propaganda espera: funciona como uma mini-agência de Publicidade, onde cada um demonstra do que é capaz, o que gosta de fazer, como cria, como trabalha, e se integra no contexto da Propaganda, querendo vender tudo a todos.

Neste semestre, a turma de Publicidade II, composta de somente nove alunos, está fazendo uma Campanha de Lançamento de um produto no mercado de Brasília, mais especificamente nos mercados das Cidades Satélites, segundo o próprio desejo do cliente. Esta campanha está sendo feita não com fins lucrativos, o que seria inviável, mas especialmente para que, através dela, os alunos possam praticar aquilo que eles até hoje viram quase que somente teoria e "gravuras".

A Publicidade II deste semestre começou com uma visita do cliente interessado que, através de uma entrevista, expôs suas aspirações em termos do Mercado de Brasília e o que desejava da turma de Publicidade. Começamos a trabalhar na Campanha através, primeiramente, de coleta de dados sobre o produto, seus concorrentes, o que está sendo feito no Brasil e especialmente em Brasília, enfim, tudo o que se refere ao produto propriamente dito e ao mercado dele. Após a coleta de dados, foi realizada uma pesquisa de público, através de Pesquisa Domiciliar e Entrevistas em Pontos de Venda, o que deu para ver parcialmente o que esperava o produto, em seu lançamento. Com os dados das pesquisas sobre o produto e o mercado consumidor, foi elaborado um Planejamento que engloba desde os objetivos gerais e específicos da Campanha, até o número de peças publicitárias a serem necessárias para o seu lançamento, além do direcionamento dessas peças.

Atualmente, estão sendo elaboradas as peças publicitárias, isto é, estão sendo realmente criadas as peças, com redação, cor, textura, movimento ou não, tamanho, forma, enfim, os alunos estão criando algo a partir de estudos, pesquisas, discussão, trabalho e muita vontade e coleguismo.

O QUE ESPERA OS ALUNOS DE PUBLICIDADE, EM BRASÍLIA

O Mercado propriamente dito de Brasília é diferente de qualquer mercado brasileiro ou estrangeiro — é o chamado "mercado de miscigenação", sem cultura definida, sem hábitos definidos, sem público definido, enfim, sem qualquer definição categoricamente científica, sociológica ou psicológica. O publicitário que trabalha em Brasília, na elaboração de campanhas, se depara com mil tipos diferentes, vindos de muitas partes do Brasil, e até do Mundo, que esperam alguma coisa de Brasília: todos precisam sobreviver, tenham vindo do Piauí ou do Rio Grande do Sul.

De alguns anos para cá, o mercado de Brasília cresceu consideravelmente, inclusive refletindo este crescimento em premiação — no ano passado, a Agência de Publicidade PROCOM ganhou um prêmio como Agência do Ano. Se o mercado publicitário e comercial brasileiro não tivesse crescido, pelo menos um pouco, esta agência não teria condições de ganhar prêmios, porque não teria tido condições de fazer qualquer coisa.

Varejo e Serviço Público — é o perfil do mercado de Brasília — as campanhas sociais são a tônica dos publicitários brasilienses, apesar de que a maioria delas são entregues a agências de fora. Devido a esta característica diferente, não se pode comparar o nosso mercado com os do Rio de Janeiro ou de São Paulo, nem mesmo com os de Porto Alegre, Salvador ou Belém. São mercados diferentes,

diversificados, onde são encontradas indústrias, grandes empresas, grandes lojas de varejo, totalmente diferentes de nossos "clientes" brasilienses.

E o Mercado de Trabalho, como vai?

Em 1972, o Departamento de Comunicação fez uma pesquisa para saber como o pessoal que saía do Curso era aproveitado naquela época; cerca de 75% dos que terminavam os Cursos da área de Comunicação eram aproveitados nos veículos ou nos setores de órgãos públicos ligados à área. A Professora Maria de Lourdes, da Publicidade, acredita que esta porcentagem diminuiu.

O mercado de trabalho de publicitários está quase que igual ao de Jornalismo, Relações Públicas ou Audiovisual — tem procura de novos profissionais, mas paga-se pouco — as Agências aqui de Brasília são pequenas, não têm condições de pagar o que as Agências de São Paulo e Rio pagam, justamente por estarem num lugar de condições tão diferentes. O profissional de publicidade, aqui em Brasília, ganha pouco, e está começando, agora, a se definir — existe oferta de trabalho, mas, como acontece com outras áreas, os recém-formados preferem trabalhar no Serviço Público, e ganhar o que ganhava enquanto estudava, a entrar numa de publicitário e passar fome (ou quase) — mesmo que o "cara" seja bom, o difícil mesmo é ter dinheiro para pagá-lo.

O DESTINO DOS RECÉM-FORMADOS

O curso de Publicidade da UnB está direcionado para a formação de pessoal ligado mais às áreas de Criação, Planejamento e Mídia, sendo que esta última não está sendo cumprida integralmente. Dos cursos até hoje dados, na Comunicação, muita gente boa está trabalhando em Publicidade, mas muita gente boa também está trabalhando em coisas totalmente diversas — frustrados.

Dos alunos que deixaram a UnB, pensando em ser publicitários, já foram criadas duas Agências — uma em São José do Rio Preto que, atualmente, é considerada a maior e melhor da cidade e uma aqui em Brasília — a DQV, criada por três ex-alunos de Propaganda: Eber, João e Anjo — cada dia que passa esta Agência vai se desenvolvendo mais, fazendo mais coisas boas, criando, crescendo, como cresce o mercado brasileiro, e trazendo para Brasília boas coisas que antes aqui não

existiam — o Planejamento de Campanhas, por exemplo.

O Criador, Redator e Compositor Clodo, ex-aluno de Publicidade da UnB é atualmente um profissional altamente gabaritado, considerado um dos melhores, senão o melhor de Brasília — está na PROCOM, fazendo boas coisas para convencer consumidores e para tentar protegê-los.

Muitos dos alunos passaram a ser professores de Propaganda, no Pré-Universitário e no Objetivo, transmitindo, o que sabiam e o que iam adquirindo com a experiência.

Na atual turma de Publicidade II, dos nove alunos, apenas dois trabalham profissionalmente, ou quase, na área de Propaganda — Marquinho, que fez a arte desta matéria, e que faz arte na GRAPHOS, uma Agência nova em Brasília, e Márcia, que é Contato da DQV, procurando e segurando clientes para aquela Agência.

"O mercado para a publicidade em Brasília é dos mais difíceis pois a capital ainda não tem uma cultura própria e isso dificulta a elaboração de campanhas."

A PELE QUE O SOL
E BRONZE L
PODE LHE DAR



WILLIAM WATSON



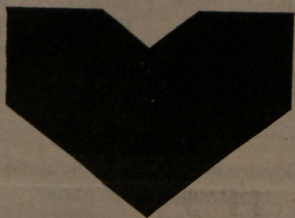
MARCO



Editar Livro no Brasil: Um Problema sem Solução?

Maria das Graças Adjuto

“Dentro de uma perspectiva global de problemática de edição no Brasil, não se pode perder de vista o fato que um editor é também ou tem muito de comerciante. Pretender que alguém viva de edição de produto apenas nacional (quando esse produto não tem bases muito sólidas pra resistir à lei da oferta e da procura) é um pouco ou totalmente utópico. Se a editora é comércio, naturalmente, ela tem que sobreviver em termos financeiros. Então não adianta editar autores novos, desconhecidos, se eles não vão dar lucros. Esse é de modo geral o argumento usado pelos editores de livros no Brasil”. É assim que especialistas em editoração, autores novos (com grandes dificuldades em editar seus trabalhos), ou mesmo, pessoas preocupadas com a situação, têm sentido o problema.



Na verdade, o que parece existir é um preconceito em relação ao autor brasileiro, que é tachado de não ter qualidade, não ter categoria e escrever “besteira”. Esse é um outro argumento falso. Uma solução apontada por pessoas com as quais conversamos e que poderia melhorar a situação do autor novo, seria um trabalho de base envolvendo um forte esquema publicitário. A propaganda que se faz em torno do livro que sai é geralmente deficiente. Se não se cria junto ao leitor a necessidade de ler esses livros, não se desperta a curiosidade, então ele não é procurado e automaticamente não vende. É por isso que os editores se recusam a editar esses elementos, partindo para um EXORCISTA ou para um TUBARÃO, que além de fazerem parte de um gênero em evidência, já chegam aqui praticamente pagos. Um outro exemplo é UM ESTRANHO NO NINHO, que desde 1975 vem recebendo todo um esquema publicitário. O próprio jornal O Globo em várias edições publicou reportagens sobre o problema de loucura, neurose, utilizando como tema o livro e o filme. Isso cria uma predisposição para se ler a obra e consequentemente prepara todo o terreno para o filme.

Enquanto os especialistas em editoração sugerem, entre outras coisas, um esquema publicitário para novos livros que surgem, novos autores brasileiros acham que seus livros devem ser editados da forma mais simples possível. O importante é editá-los. Segundo eles, procurar as editoras é um caminho muito tradicional. E isso só se justifica se o trabalho também for tradicional.

O depoimento de pessoas envolvidas na situação, ou seja, pessoas que já publicaram seus trabalhos e sentiram de perto o problema de se editar livros no Brasil, vem colocar em evidência a realidade dos argumentos apresentados. Um desses depoimentos é o do Professor Júlio César Melatti, do Departamento de Ciências Sociais da UnB, e que já tem quatro livros editados.

“Ao falar de minha experiência com livros, devo dizer que o meu primeiro livro foi chama-

do “Índios e Criadores” e foi editado pela UFRJ. A edição foi apenas de 1.000 exemplares e desses eu ganhei 100 como direitos autorais, ou seja, um décimo da edição, o que distribuí entre os amigos. Os 900 restantes foram vendidos.

Como era um livro editado por uma universidade que não tem distribuição, a Zahar foi encarregada de distribuir o livro. O problema é que a Zahar só o colocava à venda em sua livraria LER do Rio de Janeiro e São Paulo, portanto só aí o livro era encontrado. Foi editado em 1967, estando atualmente esgotado.

Eu gostaria de reeditar, mas para isso eu teria que atualizar o livro, fazer modificações, uma série de coisas. Agora, quando editar, eu acho que não vou talvez encontrar editor, dada a minha experiência com outros livros.

O segundo livro, que se chama “Índios do Brasil”, foi editado em Brasília por uma editora local, a Coordenada, sendo em coedição com o INL. Foram editados, em 1970, 5.000 exemplares dos quais o INL comprou 2.000 (fazia parte do contrato). Essa edição também se esgotou. Eu combinei com o editor, nessa primeira edição, de receber em livros. E foi assim que recebi a minha parte, distribuindo-a entre os amigos. Depois a Coordenada fez a segunda edição de 3.000 exemplares, em 1972. Essa edição já vendeu tudo, mas até hoje eu não recebi nada.

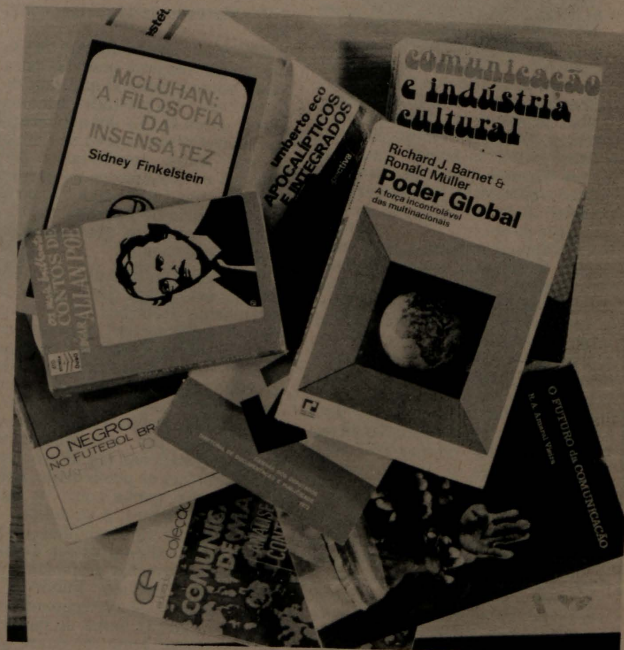
A Secretaria de Educação Pública do México pediu autorização para publicar em espanhol, publicando 10.000 exemplares também em 1972. Ela pagou os direitos autorais à minha editora, a Coordenada, que por sua vez não me pagou até hoje. Então, eu com esse livro não ganhei praticamente nada, apesar de ter sido o mais vendido. No Brasil, foram vendidos 8.000 exemplares e no México foram vendidos 10.000 (não sei se no México ele vendeu os 10.000). Lá ele é editado pelo que corresponde aqui ao Ministério da Educação e é vendido por um preço equivalente a mais ou menos Cr\$ 5,00. Então o livro é colocado lá ao alcance de todos, ao passo que aqui no Brasil ele estava

sendo vendido ultimamente por Cr\$ 35,00 a Cr\$ 40,00. No México ele tem o formato de edição de bolso.

O terceiro livro é sobre o movimento messiânico entre os Kraós — “O Messianismo Kraó” — sendo editado pela Herder em 1972. A Herder tem um problema muito sério que é publicar livros muito caros, ela aumenta muito o preço do livro. Esse livro saiu em 1972 ao preço de Cr\$ 16,00. Não tem ilustrações, não tem nada, é puro texto. Os livros do mesmo tamanho publicados por outras editoras brasileiras custavam na época Cr\$ 8,00. A Herder então já o lançou pelo dobro do preço esperado e continuou aumentando o preço até hoje. O resultado é que a Herder, que hoje se chama E.P.U. (Editora Pedagógica e Universitária), só conseguiu vender, dos 3.000 exemplares que imprimiu, cerca de 600, em quatro anos. Então, quase não vendeu.

O último livro que escrevi foi “Ritos de uma tribo Timbira”, que é também uma análise dos ritos dos índios Kraós. Esse trabalho ficou um ano e meio esperando por algum editor que o imprimisse. Eu procurei a Vozes, que depois de examinar achou que não interessava comercialmente; a Companhia Editora Nacional também não quis; a Editora Acadêmica também não quis, procurei até mesmo aqueles livros de bolso da Tecnoprint, mas eles também não quiseram. Então eu imprimi duzentos exemplares à própria custa. Atualmente, o texto está sendo examinado por uma comissão do Instituto Indigenista Interamericano para ver se eles publicam em espanhol. Até agora, não recebi resposta. Estamos editando também uma revista, “Pesquisa Antropológica”, onde colocamos trabalhos de professores de antropologia, assim como de alunos de pós-graduação. Assim nós vamos tentando contornar a nossa dificuldade em editar.”

Um outro depoimento é do professor Clímério Ferreira, do Departamento de Comunicação da UnB, que editou há poucos dias seu primeiro livro de poesias — “Memórias do bar do Pedro”.



“A minha experiência com edições de livros é terrivelmente negativa. Eu tentei editar um livro que fiz, mas ele não tinha classificação nas editoras. Elas sempre costumam editar ou autores já bastante conhecidos, ou pessoas que ganharam prêmios nacionais, coisas assim. O certo é que eu não tinha nenhuma dessas qualificações. A minha idéia era de fazer um livro que fosse assim uma espécie de cordel urbano, mas isso naturalmente não teria aceitação no mercado e por isso não convinha editá-lo; parece que era o que pensavam eles.

Então eu parti para fazer um livro sozinho. Juntei alguns amigos que entendem de artes gráficas ou que desenham muito bem e montamos o livro numa gráfica onde eu havia trabalhado. Fizemos assim 500 exemplares pagos do nosso bolso. O livro saiu por Cr\$ 4.000,00, capa a cores, etc. Fizemos o lançamento num bar em São Paulo, vendemos 200 exemplares e pagamos a edição. Muitas pessoas estão escrevendo sobre a idéia de se editar livros assim. Alguns escritores me disseram que essa idéia é nacional, eu não sabia que em todos os cantos do Brasil têm jovens editando seus livros desse maneira. Geralmente é poesia, porque é um negócio mais difícil de editar e mais difícil ainda de vender.

Eu fiquei satisfeito com o tipo de edição que nós fizemos, porque a simplicidade da edição é muito parecida com a simplicidade do conteúdo. Acho que esse sistema editorial, que a gente poderia chamar de marginal, deveria ser seguido por todo o pessoal novo. Todo mundo deveria editar seus livros com máquina de escrever mesmo, rodar em mimeógrafo a álcool, ou seja, o próprio autor e também pessoas amigas fazerem todo o trabalho como capa, programação visual, etc. O melhor é evitar as editoras, porque não se deve pensar em viver de literatura ainda. Tem que haver um amadurecimento de quem escreve via esse tipo de publicação. Acho que a gente procurar direto uma editora é um caminho muito tradicional. A não ser que o trabalho também seja tradicional e se case com esse tipo de procura.



Literatura: Publicar onde?

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Literatura, aqui na universidade?

Será que há alguém escrevendo?

No Bandeirão, alguns "poetas" e "Contistas" que escrevem, às vezes. Também outros que escrevem sempre.

Papo isolado com um, papo isolado com outro. Apenas uma coisa comum a todos eles — a dificuldade de publicar seus trabalhos.

Jornal-mural, jornalzinho da escola, às vezes, uma publicação que chegou, por dificuldades várias, apenas ao número três. Apesar de tudo, esses são ainda o único meio capaz de veicular essa "arte marginal" (?).

Mas ela sobrevive, forte e verde.

Um conhece outro que escreve e dá maiores informações: "Olhe, eu tenho um amigo que tem poemas muito bonitos". E esse indica outros. E, ao fim, muitos trabalhos são reunidos.

Alguns se espantam, quando procurados: "Eu não escrevo não, às vezes, eu faço, no papel, o que eu chamo "queixumes de amor" (poesias de fossa), outros têm muitos trabalhos (em busca de um editor).

Ao fim de tudo, aí estão contos-poemas-crônicas reunidos em poucos dias entre alguns alunos daqui, que apesar de todas as dificuldades não deixam de escrever: Como diz um deles em seu depoimento "a turma do mimeógrafo, a nuvem cigana, o pessoal das folhas soltando poemas pela rua", não são maioria mas devem continuar fazendo isso, pois isso é germe... e pode crescer...



... antes era o fato e o fato previsto pelo ato perene (per omnia) da vida brotando e flores e afirmações de radiantes amanheceres. intactos. e havia impulsos e impasses passos atos retos reflexos de formas e sentidos consentidos, construídos vários universos. dos variados fatos e fachos rígidas controladas reprimidas (comprimidos) do impulso criador livre explosões, explorações dos vários universos, dos variados fatos e fachos e fechos fechando, ferindo em cruz os olhos de dragões em brasa braços...

(1971)

Nessa época eu fazia uma poesia bastante experimental, influenciada pelo concretismo de tabela, através dos poetas da tropicália (Torquato, Ca-pinam, Caetano). aqui em Brasília, a gente buscava uma linguagem sintética, onde a disposição das palavras no papel, o "arranjo", o ritmo, contava tanto quanto o seu significado. ao mesmo tempo radicalizava a pesquisa lingüística, numa tentativa de sabotar o Sistema literário-gramatical vigente. nessa época as pessoas acreditavam que para transformar o sistema, era preciso começar destruindo o Sistema dentro da gente. e como a linguagem é a expressão da consciência, alterando a linguagem estávamos alterando a consciência e a cultura.

CORDEIRO DE DEUS

(Epístola a Luis Buñuel)

concebidos entre urina
e fezes, neste corpo impuro que o tempo
vai apagar

Senhor, eu não sou digno

escravos do tempo
condenados à vida
na prisão da carne

Senhor, seja feita a tua vontade

com o suor do corpo
no trabalho servil
comeremos o pão o sangue o vinho

Senhor, recebe este pecador

desemprego e caridade
na cidade vemos ordem
e policiais

Senhor, livra-nos do mal
(1975)



Depois que comecei a trabalhar como repórter, a poesia perdeu o sentido para mim, como expressão de problemas ou paixões individuais. o jornalismo, entendido como a descrição de todos os aspectos da realidade social, é muito mais poético: expressa os problemas e paixões coletivos. a poesia propriamente dita, ficou sendo a linguagem que uso para definir uma nova consciência da realidade: uma realidade em permanente mutação, ao mesmo tempo individual e coletiva, uma realidade psicológica e sociológica ao mesmo tempo, onde não existem problemas. existem pessoas com problemas.

DON LUIZ É ALUNO DO ÚLTIMO ANO DE JORNALISMO, E AUDIOVISUAL (RÁDIO-TV-CINEMA). JÁ PARTICIPOU DE DOIS CONCURSOS LITERÁRIOS, UM EM BRASÍLIA, OUTRO EM GOIÂNIA. PUBLICOU ALGUNS POEMAS NO TRIBO (JORNAL UNDERGROUND, "UM NANICO NAQUELA ÉPOCA", 3 EDIÇÕES EM 1972 E NO ANEXO, SUPLEMENTO CULTURAL DO CORREIO BRAZILIENSE, FECHADO PELA CENSURA NA 8ª EDIÇÃO, EM 1975.



MATAS DO JORDÃO

Um dia eu conto onde fica as matas do Jordão. Mas agora não posso dizer. Questão de ética. Só adianto que é farinha do mesmo saco, de outro lugar por aí de mundaréu de Deus dos Gerais. E ainda tem mineiro que guarda dinheiro de baixo do colchão, e essas coisas!

— Cê tá pensando que por ser mineiro, falo do milagre e não falo do santo? não nego, é isso não!... nem isso que cê pensou (...)

... bom, se não cortaram a mata do Jordão e fizeram madeira, não posso ter certeza! (Cê sabe como são os homens!...) Pelo menos até ontem, tinha umas árvores em pé. Nada não! Mais na frente te conto onde fica, ou ficava as matas do Jordão. Me dê tempo, somente um pouco de tempo!

Danado que o Jordão encucava até o Miro:

— aqui, tem o Pelano, pela aculé, o Mané Burraieiro que queima. Do trabanda tinha o baúzeiro assombrado que fervia de capeta à noite. E bode que investia e fedia de longe. E o diabo do bicho ruim que batia nas pessoas, e jogava pedra no teiado e atentava feito bezerro e estalava no bambuzal queném pai de cão mesmo. E nada valia. Nem reza, nem benção.

Miro conversava de arranco e sacudindo o pescoço. Mas mirongar era com o Miro! Também acontecia:

— um dia individ', cheguei lá no Pelano, e a cachorrada dele naquele arvoreço de latideira. Os cachorros de tão magro que tava, carícia incostá na cerca do curral pra lati com a gente, individ'! Só sei que os cachorro latia de toda afinação, individ': uns, miro, miro, miro, miro! outros miiro, miiro, miiro! Miro, Miro, Miro! Miiro, Miiro, Miiro!

Quando Parente, foi pra lá, só tinha picada. E o fim da picada. O povo ficou de olho arregalado, quando seu Parente falou de mudar pro sertão. Falar de sertão, era falar de onça, de maleita, de privação, de pessoa perdida e isolada do resto de mundo. Por isso que o Parente logo passou fogo numa onça baia, e matou uma égua, coisa que acontece com as melhores famílias... Tineca caiu na pele do Parente, agora coragem de visitar o Jordão que é bom foi neca!

Mas quem interessa no Jordão aqui é o Tureco:

Tineco apanhava é de muller:

— só matano, só matano!

— queta muié, me bate não, del'amô de Deus, me bate não!

... aminhã vô buscá pinga e fumo mode ocê, prometo que vô, juro!

— ah, vai! vai! vai, e é agora!

Coitado do Tureco tinha de apumar e era depressa, fizesse frio ou não, chovesse ou não, tivesse cansado ou não, com sono ou sem sono. Só dormia a bem da verdade, com a Tureca, se tinha pinga e fumo na cabiceira da cama. E desse graças a Deus...(!)

Mas não acredito na arte, pensamento que revolucionaria. A arte não muda nada ou quase nada. É apenas sintoma de um substrato que há. A meu ver o que revolucionaria é a ação e não teoria. O que falta desde o início de nossa História é exatamente a ação concreta. Acredito na arte, que ela tem um papel importante, de captar o que paira no ar e transformar isso numa coisa visível, perceptível. Acredito na arte como reflexão, consciência e, no momento, o que é mais necessário é a "reflexão. Mas a arte em si não muda nada. Teoria não revolucionaria/senão ação.

Escrevo o que vivi e sinto ao meu redor. A nível de transmitir a outros uma experiência, uma visão de mundo, uma busca de reflexão, de consciência/agora, até quando isso é válido, é inteligível, afeta, não sei. Mas acredito que na medida que se reflete uma situação, um pensamento, uma angústia, uma aspiração que não é apenas pessoal, é compreendido e aceito. "Não tenho um estilo definido. Estou procurando nossas formas. Mas acho importante não me afastar de "Candieiro" ("a noite é quase madrugada mas ainda sou o candieiro perdido na estrada") no qual me encerro.

— O mundo artístico me fascina. Tenho relativa facilidade de escrever. Sobre tudo visualizar. Mas acho este campo muito ingrato e desamparado; ou você entra numa de ganhar dinheiro e ter status ou opta pela arte e "roi imbirá", mas fazendo o que gosta.

Procuro abordar raízes, substratos da nossa realidade em dois ângulos: campo e cidade. E apresento com tudo que ele parece (a mim) conter, na minha ótica do mundo. Às vezes um, às vezes outro, às vezes os dois se conflitand.

Quanto à forma, ela varia. Procurar bastante liberdade de expressão, de recursos, criar sons conotativos, nomes, palavras que ajudem a fortalecer as imagens; o quadro em movimento, com vida se articulando, ou desarticulando, conforme. Não tenho estilo definido; só sei de uma coisa "que isso que existe, convencional, estático, não é o que eu quero".

— A pesquisa e documentação são imprescindíveis no que se escreve, é critério de valor, de aceitação.

MÁRIO FURTADO — Mário é aluno do curso básico de Comunicação e ainda não se decidiu entre Publicidade ou Rádio-Cinema e TV. Escreve desde os tempos de adolescente, num processo contínuo. Está com alguns contos inscritos no Concurso de Contos promovido pela UnB. E tem uma reclamação a fazer sobre essa promoção, pois quando foi inscrever seus trabalhos, um deles (um poema "Planta (Dor)", onde há mistura de palavras, desenhos, e enfim a utilização de vários recursos gráficos, plasticamente distribuídos) lhe disseram, embora tenham aceitado o trabalho, que aquilo não era poesia.

Vou Chover no Molhado

*Sei que um dia só vem
Quando um outro se for
Sei que atrás deste muro
Há um campo em flor*

*Um guarda-chuva se abre
É um chove não molha
Uma noite que nasce
É um dia que morre
Uma relva que cresce
É pro gado pastar*

*Uma andorinha só passa
Um inverno se fez
Vou chover no molhado
O inverno outra vez*

*Sei que a praça é do povo
Como do ovo é a casca
Como da carne é a unha
Como o sol é do céu*

*Sei que a carne-de-sol
Que cozinho está crua
E a mulher toda nua
Tem fome outra*

*Vou chover no molhado
Um inverno se fez
Uma andorinha só passa
O inverno outra vez*

*Sei que na noite a treva
Toda a luz vai apagar
Se há água doce em um rio
Há amargura no mar*

*Mas o dia inda vem
Já se o clarão
Ele é vida e aquece
Meu naco no chão*

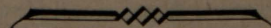
*Se borrasca no mar
É chover no molhado
É tempestade em um copo
É pedra no telhado*

*O tornado virá
Levará de roldão
Durante a viração
Quem menosprezo lhe deu*

SÉRGIO: Sérgio é aluno do primeiro semestre de Engenharia Agrônoma e escreve poemas e crônicas que vão de um lirismo singelo a sátiras mordazes. Esse seu "Vou chover no Molhado", é a letra de uma canção que ele e um amigo inscreveram num festival de música. Alguns de seus trabalhos já foram publicados no *Pregão* (jornal do Pré-Universitário) e no *Opaco* (jornal mural do Colégio Objetivo). É dele, também, essa crônica:

Os passos ressoam pesados na escadaria silenciosa que leva às trevas. As pessoas ressonam pesado em meio à quase escuridão que reina. No reino da penumbra, quem tem olhos é bruxa. As bruxas têm que voar bem baixo, para não ferir os olhos e ouvidos do rei. Os sentidos do rei sentem muito, mas não podem parar, se param, pensam, se pensam, morrem. Os mortos-mortos não falam, nem lembram, nem nada. Os mortos-vivos perfilam-se. Já os moribundos gemem e gemem...

Eu definiria, hoje, qualquer trabalho literário sério, como uma tentativa de arrancar as pessoas do marasmo e da alienação cultural a que se acham submetidas. (Sérgio.)





Trem de Subúrbio

O trem estava parado na estação D. Pedro II à espera dos passageiros apressados chegando para irem embora descansar após um dia de trabalho. Toninho percorria dispendioso os vagões, parava na porta, alguém bate o ombro nele e entra depressa, passageiros chegando. Um mendigo se aproximou e pediu fósforo.

"Não tenho."

O mendigo pregou os olhos em Toninho e ficou rindo leve seus dentes podres. Andando, arrastava pelo chão a batinha rasgada, calça preta, barba cheia e cabelos no rosto de olhos desaparecendo na pele escura como a noite chegando.

"Chocolate! Leva 3 por mil!"

Homens de idade caledada e crianças gritam suas vendas aos passageiros dependurados sentados marmittas na mão sacolas embrulhos. O trem completo. Lotado.

Toninho perambulava pelas ruas do Rio de Janeiro, dormia por aí, num viaduto ou barraco ou prédio em construção.

O cego guiado pelo menino assobia e sacode moedas tilintantes abrindo espaço, uma esmola pro cego, Deus lhe ajuda, uma esmola...

As arquibancadas estavam prontas na avenida larga colorida enfeitada de luzes, deitada esperando turistas sambistas fotógrafos e madames salientes sorrisos. Camisas soltas de frente pro mar azul e verde.

Outro cego vem e passa passos arrastados bengala batendo no chão toc toc toc toc toc, moedas tilim tilim Deus ajuda sua família dá uma esmola pro cego pelo amor de Deus Nosso Senhor.

O trem superlotado. Apertado. Suado. A multidão comprimida. Impossível entrar ou sair do vagão. Toninho fica dependurado na porta. De repente o trem se movimentou, um no outro se apoiando ombros e costas juntos, gritos empurrões dois homens tentando entrar com marmitta na mão, sem jeito. As rodas no trilho, o sacolejo dos vagões, o bloco humano, feito sardinha dizem uns.

Para casa. Para casa para lá para casa para lá para casa para.

Topete viera uma vez ao Rio e chegara em São Paulo contando pra Toninho assuntos de arregalar os olhos, lá é moleza meter a mão no

bolso dos turistas. Mas Toninho se viu sozinho no meio da multidão e pela primeira vez não queria dar banho em ninguém. Nunca havia saído de São Paulo onde nascera e se aguentaria com a micharia que havia levado. No aperto do trem ninguém se mexe. Toninho força passagem conversas e o barulho das rodas no trilho. Uma cantiga. Batuque. Os ouvidos crescem: era ali, samba. Acotovelando e enfiando pernas no meio de outras pernas Toninho pequeno sentiu o som mais claro, perto, vozes.

"Ai barracão pendurado no morro e pedindo socorro à cidade aos seus pés..."

chamando e envolvendo o corpo dele. Desapareceu o samba, um samba redondo sambistas sentados que tiravam com seus instrumentos e afinando um balanço que se confundia com o balanço do trem.

Em São Paulo Toninho se derramava na quadra da Vila Matilde. Não que fosse bamba no pé, as mulatas e crioulos é que tinham a batida no sangue e o traquejo no gingado, ele menino moreno de sangue misturado tentava imitar os passistas endiabrados no ritmo pernas se cruzando esticando contorcendo. Toninho bebia a cervejada e parava no requiebro das mulatas risos sensuais e o desejo na carne, os olhos dele pegavam fogo. Era a sua Escola de Samba Senzala de Vila Matilde onde aprendia tudo gargalhadas madrugada sopra quentinha na garganta pandeiros tamborins tambores surdo reco-reco pulsando e reunindo as pessoas. Até amanhecer.

As vozes roucas, mãos rapidíssimas agitando o pandeiro, cuica, cavaquinho e surdo. Passagheiros fazem coro. Nas paradas queriam entrar mais, todos protestando tá cheio, não deixa entrar, que horror Nossa Senhora a gente tá morrendo sufocada. O samba é que não parava, no suor, no tumulto

"...desfilando na avenida negro é sensacional é todo a festa de um povo é todo do carnaval!"

Amanhã era carnaval.

Depois de tantos ismos, literatice, lixeratura, farofa literária, tropicália, depois do sol e do sal, depois da geléia geral, eu resolvi assumir minha barra, meu subdesenvolvimento. Cai na realidade. No meio do povão que não lê concretismo nem processos. Joyce estava certo, pena que só existiu um. Depois dos vanguardas resolvi escrever, simplesmente. Sem preocupar com a forma, com o novo. Sem pensar em virar estatura. Criar. Não códigos novo, mas novos caminhos nesse ócio literário em que estamos. A turma do mimeógrafo, a nuvem cigana, o pessoal das folhas soltando poemas pela rua, os trocadilhos, tudo isso é bom, mas não é nenhum boom. Acontece. Eu quero que o conto conte.

TÉRCIO SANTOS — Tércio chegou para a UnB há poucos meses. Veio transferido da Universidade Gama Filho, Rio. Faz o curso de Jornalismo. Trabalha no semanário Movimento.



O diminuto

Essa estória que vou contar se passou há muito tempo atrás num bairro de Belém, conhecido como Matinha. A Matinha que além de ter uma população fixa das mais necessitadas, possuía, também, uma população flutuante formada pela mais alta marginalia da cidade. Lugarzinho brabo aquele. Qualquer desavisado que se aventurasse a entrar na "mata" durante as madrugadas, estava arriscando-se a sair completamente pelado, isso porque os malandros não davam sopa quando aparecia um "cenário novo". Era uma verdadeira disputa que se travava pela aquisição de cada peça que o "otário" usava. Há quem diga, até hoje, que na Matinha não tem ruas, há espaços dentro dela, tem beco que é rua e tem rua que é quintal.

Foi nesses espaços que conheci Joãozinho. Profissão saqueiro (aquele que vende saco). Situação — miserável. Pretensão — ser alguém. Quem? não sabia. Talvez um rei, ou quem sabe, um santo. Talvez um louco, talvez ninguém.

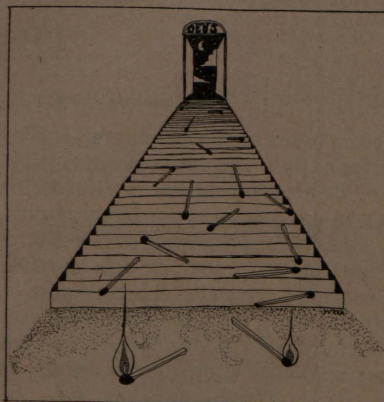
Que figura... Era aquilo que se pode chamar de sujeitinho sui-generis; não só pela singularidade do seu aspecto físico, pois nesse campo ninguém excedia-o nas raías da feiúra, mas também, pelo comportamento sacerdotal que ele assumia. Os vizinhos é que diziam quando ele passava: "Olha lá o santo! E lá ia a figura magramela de Joãozinho, com seus passos milimetrados e seus gestos lerdos. Parecia a reencarnação de Buda, ou qualquer coisa do gênero.

Pois bem, o tempo foi passando e eu fiquei sabendo que Joãozinho buscava era um lugar ao lado de Deuses, ou dos astronautas. Quem sabe? Isso só ele sabia. A verdade é que Joãozinho continuava seu caminho em busca do nirvana. Começou tentando assumir, a princípio, todas as verdades necessárias para a total imunização do espírito.

E num dia desses tão comum quanto os outros, Joãozinho se perguntou: — "Qual das virtudes é a mais importante para se alcançar a divindade?". A resposta imediatamente lhe foi dada por sua consciência. Humildade! E Joãozinho quis ser humilde. Só lhe faltava agora descobrir o verdadeiro significado da palavra humildade. Folheando um desses livrinhos de capa cinzenta que se distribuem nas escolas, ele ficou sabendo que ser humilde é ser pequeno. Então ele sentiu vontade de ser humilde, de ser pequeno, bem pequeno.

Com o passar do tempo Joãozinho foi DIMINUINDO-DIMINUINDO-DIMINU-DIMI-DI, e ficou tão diminuto, que sua família não teve problemas quando ele morreu. Pegaram o corpo de Joãozinho, colocaram dentro de uma caixa de fósforo e enterraram no fundo do quintal.

PEDRINHO. Pedrinho faz Sociologia e é paraense "paraense de Belém do Pará" (faz Questão de frisar). Não achou necessário um depoimento que definisse sua proposta ao escrever.



Algumas Anotações de Mia Miranda

Acordei ressaqueada, nua e lambuzada, sem ninguém ao meu lado. Liguei o toca-fita, e nada — a luz havia sido cortada; meu Deus, quanta rima! tomei um banho demorado e, depilando as pernas, pensei em cortar as carótidas, mas não tive coragem. Estou sem dinheiro, com dívidas e dúvidas, salário atrasado e o chefe querendo me comer; não dou! quando não quero, sou um macho ofendido.

XXXXXXXXXX

Eu queria tanto ouvir Odair José!

Batidas na porta: entra um homem, com seus gestos sérios de falar na boca, diz que não dá,

não tem mais jeito e me implora para que seja conduzido a algum hospício. Ele acaricia as minhas pernas e, pela sinceridade dos seus atos, descubro nele o velho poeta da cidade.

XXXXXXXXXX

Como se ainda me metesse a documentar a vida, sendo a minha, devido a falta de qualquer coisa que me empolgue, assinalo: hoje é dia seis de hum mil novecentos e setenta e seis, dia dos meus anos. É uma barra; com que cara me aventurarei por essas ruas? se ao menos eu me definisse como embrulhona de alguma espécie, seria um alívio!

Alípio me ama e me enche o saco; a desgraça do nosso amor é você ter um olho colado, em minhas pernas e outro na conciliação. Alípio e Nestor se fgraram nós dentes, por minha causa: não há cachorro que não morda! Cadê os sentimentos femininos, Mia? Francamente, eu não tô nem aí, rapaz!

XXXXXXXXXX

Com a média e o pão com manteiga forrei o vazio do estômago. Com a carta do meu pai entre os seios, pedi uma pinga, só pra contrariá-lo. Leite, café, açúcar, álcool: quando me mis-

turo, fico muito mais na minha, sou muito mais Mia. Abri a carta rasgando o envelope.

XXXXXXXXXX

Os meus amigos não chegaram. Eu gosto muito de ter alguém, no cansaço, na dureza. Desde que nos vimos pela última vez, tanta coisa aconteceu: ... o beto bar está falido. Esperar os amigos é me agüentar acordada, até que das janelas venham os assovios. O meu amor não se arrebatou, se arrebatou no acaso, no esquecimento da vontade. Os deuses concederam os quadros, eu pinto as minhas dores.



Foto de Mário Eugênio

Neste número especial do Campus dois fotógrafos que praticamente iniciaram suas atividades na UnB e, agora, trabalham profissionalmente, colaboram com um ensaio fotográfico. Cada um deles mostra estilos diferentes. Porém, a arte de captar o mágico tem a mesma significância: documentar um fato intuitivamente.

MÁRIO

Mário Eugênio tem a mania de fotografar. Ele mesmo é quem afirma e fala que desde pequeno gostou de "apertar botão" de acordo com sua inspiração. No entanto, somente há um ano que vem fotografando com seriedade, procurando se aperfeiçoar cada vez mais.

Para ele um fotógrafo sempre está aprendendo. "Cada dia me convenço que nada sei porque para ser fotógrafo de verdade não é ter umas "fotinhas contra a luz" assinadas em jornais como muitos "apertadores de botões", que se dizem ótimos profissionais, fazem por aí".

Quanto a sua maneira de fotografar, Mário, como é muito conhecido, falou que objetos em movimento onde pode-se registrar um fato é seu estilo forte. "Todavia quando estou num alto grau de inspiração curto um objeto estático (foto do sol nascendo) e, normalmente, minha sensibilidade é acompanhada pela câmara registrando a cena".

Mário está formando em Jornalismo, TV, Rádio e Cinema pela Universidade de Brasília. Tem alguns trabalhos publicados e atualmente ocupa a função de Editor de Polícia em O CORREIO DO PLANALTO.

NELSON

Nelson Freire Penteado é aluno do Departamento de Comunicação. As fotos que ele escolheu para essa edição do Campus são de uma noite de jogo de futebol e mostram quatro lances, que normalmente não são vistos pelos torcedores que se arriscam a ir ao Pelezão para ver os jogos do Campeonato Brasiliense de Futebol.

Atualmente, Nelson trabalha, como fotógrafo, no JORNAL DE BRASÍLIA.

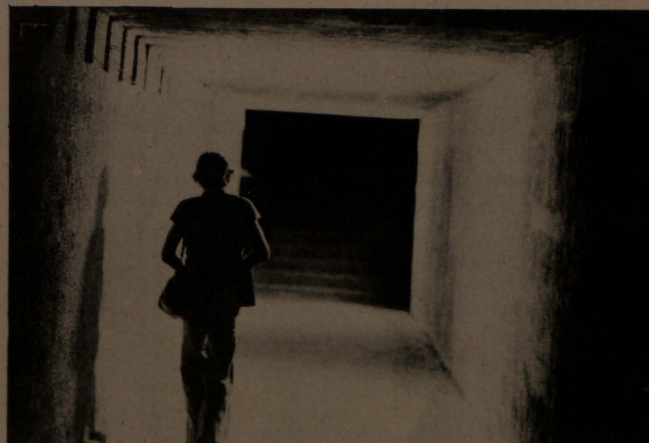
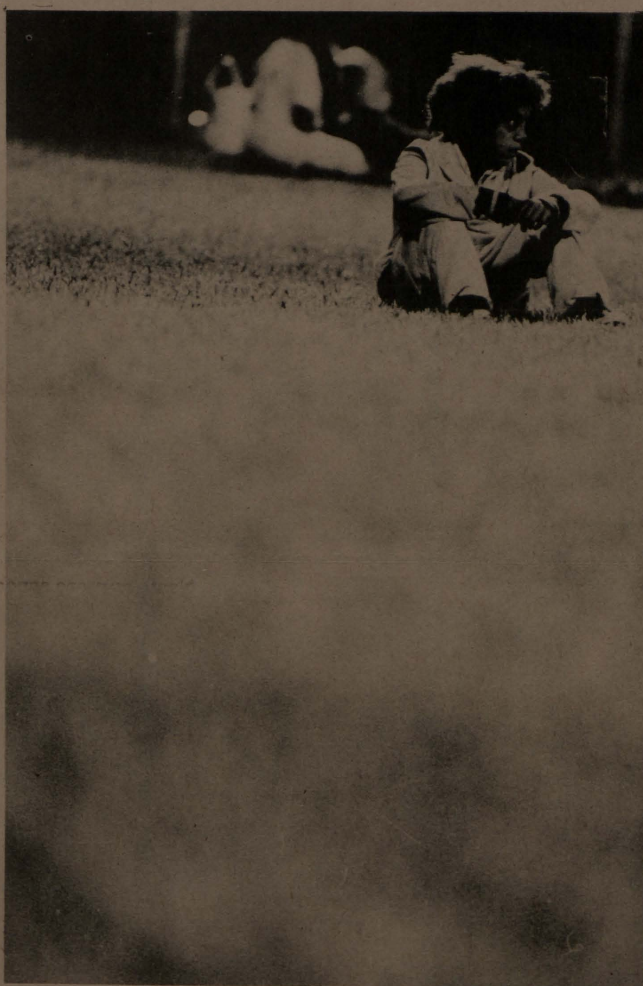
Num papo informal ele falou sobre sua experiência: "Olha, quando entrei para o JORNAL DE BRASÍLIA, não tinha experiência nenhuma. Hoje, oito meses depois, já me sinto como se tivesse passado muito tempo. O meu desânimo frente à atividade fotográfica em jornal decorre, justamente, do fato de em oito meses não ter realizado nenhum trabalho mais pensado ou mais elaborado, o que não deixa de ser uma das atividades características em jornal.



NELSON

Uma Noite no Estádio

"Até mesmo num estádio de futebol podemos conseguir várias imagens de lances curiosos e cenas interessantes, alheias ao jogo. Só depende da nossa intuição".





MÁRIO

O Velho e o Tempo

"O velho me tocou profundamente e, de um ângulo só, escondido, consegui essas imagens que retratam o processo de arrumação do seu cigarro de palha. Consegui fotografá-lo descontraído, sem que percebesse o movimento da minha câmara fotográfica".



1



2



3



4



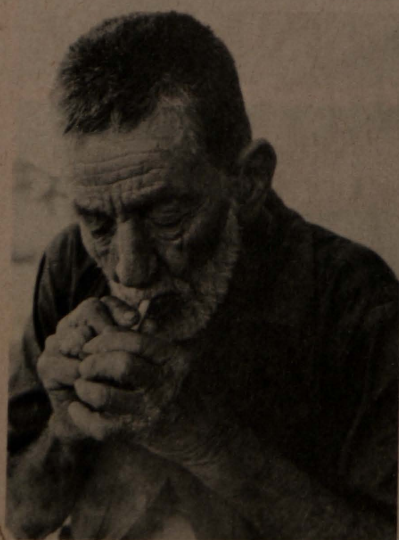
8



6



7



5



10



11

9